

# Equatorial

v.9 n.16 | jan./jun. 2022  
ISSN: 2446-5674

Estratégias de devotos e brincantes para a religiosidade em tempos de  
pandemia

## Apresentação

Cicera Tayane Soares da Silva

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em  
Antropologia Social – PPGAS/UFRN  
e-mail: tayane.soares@live.com  
/ <https://orcid.org/0000-0002-6053-2231>

José Felipe de Lima Alves

Doutorando no Programa de Pós-graduação em Sociologia –  
PPGS - UECE  
Professor Substituto da Universidade Regional do Cariri -URCA  
e-mail: felipe.alves.2@hotmail.com  
<http://orcid.org/0000-0001-7847-4570>

Itamara Freires de Meneses

Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Ciências  
Sociais - (PPGCS/UFRN)  
e-mail: itamarafreires@hotmail.com  
<http://orcid.org/0000-0002-2678-841X>

## Estratégias de devotos e brincantes para a religiosidade em tempos de pandemia

“Há muito se sabe que os primeiros sistemas de representações que o homem produziu do mundo e de si próprio são de origem religiosa” (DURKHEIM, 1996, p. XV). Conforme apontado por Durkheim, a religião é fundante do social, estando presente em

todas as culturas e em todos os momentos históricos. “É por uma religião que o homem se define no mundo e para com seus semelhantes” (MESLIN, 2014, p. 25). O papel exercido pelos sistemas religiosos vai além da concepção de que a religião seria apenas uma esfera ligada ao foro íntimo do indivíduo, privativa no que se refere às experiências de cunho espiritual. A religião seria, portanto, uma instituição social atuando de diversas maneiras, não se limitando a esfera do crente, pois tendo legitimação do social viabiliza o ordenamento da vida em sociedade

As manifestações de ordem religiosa se apresentam mediante um forte dinamismo em variadas esferas da sociedade. Observamos, dessa maneira, que a religião se coloca em múltiplos espaços, sejam eles físicos ou simbólicos, imputando sentidos heterogêneos. No presente dossiê nos propomos a refletir sobre as festas religiosas e outras manifestações, compreendendo-as mediante espaços físicos e simbólicos que assumem um protagonismo na vida das pessoas. As festividades religiosas são permeadas por conotações de cunho sagrado, não se limitando, contudo, às características puramente sagradas. Nesse sentido, as discussões deste dossiê apresentam apontamentos interessantes no sentido de pensar as celebrações religiosas também na sua dimensão cultural.

As manifestações festivas são assinaladas pelo riso, pelos encontros, partilhas, contatos, pela aglomeração. Aglomeração que engendra uma teia de sentidos e significados (GEERTZ, 2015). As festas religiosas reúnem uma infinidade de símbolos e práticas que atravessam o cotidiano dos sujeitos no momento em que são aguardadas, programadas, planejadas, experienciadas. O Brasil é projetado como um país majoritariamente católico, todavia, há uma riqueza nas práticas e manifestações expressadas através da fé. Entre deuses, santos, orixás, o mundo religioso é celebrado de múltiplas maneiras, reivindicando dessa forma a diversidade de credos. É aglomerando que as festas religiosas acontecem... ou não!

As práticas religiosas são realizadas por sujeitos devotos, na maioria das vezes, através de rituais nos seus templos, terreiros ou até mesmo utilizando espaços públicos mais amplos, como no caso das romarias, das peregrinações e das grandes celebrações festivas voltadas para religiosidade, ainda que essas não sejam completamente sagradas, surgindo as práticas que são consideradas profanas no contexto da religiosidade (ELIADE, 2018). Todas essas práticas carecem da presença de indivíduos que dão a tônica

aos acontecimentos que se materializam através das práticas coletivas e que necessitam de um espaço para acontecerem. É por meio da reunião de pessoas que os rituais são realizados, sejam eles sagrados ou profanos, ambos têm como característica fundante a noção de festejar.

Desse modo, o que seria da vida se não fossem as festas? O cotidiano imbuído da racionalidade capitalista, que coloca os indivíduos como números, sem identidade, crença e sem o direito ao festejar o levaria a perder o sentido das suas manifestações. Com isso, os sujeitos estariam destinados a viver em um mundo cercado pela produtividade do trabalho e pela ausência de momentos de lazer. Isso, contudo, seria impossível para a existência humana, pois, como nos lembra Émile Durkheim (1996), os momentos festivos/religiosos surgem pela necessidade de separar os tempos sagrados dos tempos profanos, fortalecendo as experiências humanas e estreitando os vínculos entre os indivíduos.

A produção de festas e romarias mobiliza uma série de recursos: econômicos, sociais e, sobretudo, simbólicos. Nelas o contato físico é imprescindível. Mas o que ocorre quando essas manifestações são impossibilitadas de acontecer? É o caso das manifestações festivas/religiosas aqui apresentadas, elas tiveram sua concretização interrompida, modificando um cenário construído nas tradições dos encontros presenciais.

A predominância do coletivo sobre a figura do indivíduo é uma premissa dos momentos festivos, nesses casos a “efervescência coletiva” (DURKHEIM, 1996) atinge, como forma de contágio, todas as pessoas envolvidas na celebração. Gritos, danças, músicas, movimentos reforçam as transgressões permitidas nestes espaços. O tempo de festa significa repouso, gozo, liberdade. É hora da comunhão, do descanso.

Conforme salientado, os principais atributos das festas consistem em proporcionar aos indivíduos, mesmo que de maneira temporária, romper as normas que são colocadas no cotidiano, seja através de procissões, missas, romarias, das práticas nos terreiros, as festas de santo, músicas, danças, *shows*, espetáculos de diversas ordens. São momentos que ocorrem com datas fixas no calendário, despertando anualmente, o sentimento de pertencimento.

Esse cenário foi modificado. As festas que antes eram palco de momentos de comunhão, partilha e devoção, com a pandemia da Covid-19, foram silenciadas. Os toques

das zabumbas, dos tambores, os benditos cantados deram lugar as preces realizadas no interior dos lares. A festa foi realocada, do público, das ruas para o privado. Os então sagrados móveis – santuários, estátuas, lugares – foram fechados. Mas algo permanecia vivo: a necessidade de cumprir os rituais e seus ritos. Então, como organizar o conjunto de ritos que de uma forma macro cumprem com os rituais?

Sendo assim, as festas se refazem no silêncio, na dor e, sobretudo, na esperança. Os santos e entidades não foram esquecidos, a fé não deixou de existir, permanecendo presente no coração dos fiéis. Por mais que a sua aplicabilidade tenha sido vivenciada de outras maneiras, elas continuam a existir e a ressignificar memórias, espaços e tempo.

O mundo em pandemia contestou a forma tradicional de celebrar as divindades. O que antes significava aglomeração, transformou-se em medo do contato. O que era abraço, encontros, músicas, ambientes cheios, converteu-se em programações acompanhadas pelas telas dos Smartphones, televisores, computadores. O mundo vive uma das maiores crises sanitárias da história. A pandemia de covid-19 surpreendeu todos os povos, os países foram atingidos por uma onda de desespero, incerteza, o medo tomou conta dos lares, dos terreiros, dos templos, igrejas, empresas, das ruas. O mundo precisou reinventar à sua maneira de viver, passando por profundas transformações em todos os campos.

Uma doença infectocontagiosa obrigou o mundo a interromper programações, a alterar planos, a rever procedimentos logísticos, submeteu as pessoas à sensação de vazio. Um vazio refletido em ruas desabitadas, no comércio fechado, na ausência do abraço, do afeto, um vazio visto e sentido pela escalada de mortes em todos os lugares. Compreendemos, portanto, as consequências ocasionadas pela pandemia e as múltiplas e incalculáveis perdas. Neste dossiê abordaremos um campo, que, assim como outros, experienciou mudanças significativas: das ressignificações nas manifestações populares/religiosas.

O dossiê reúne artigos que discutem as estratégias lançadas por devotos, umbandistas, brincantes e demais grupos que enxergam a necessidade de manter a tradição das manifestações de cunho religioso. Aos interessados em discussões em torno de festas, religião, manifestações culturais, convidamos a imergir nas reflexões propostas neste dossiê como forma de ampliar o leque de conhecimento. Ao público geral ressaltamos a riqueza das discussões que pensam as religiões e os processos culturais em meio a um

cenário de catástrofe. Os artigos aqui propostos não refletem apenas a religiosidade, reverberam também as muitas maneiras de se reinventar em uma sociedade pandêmica.

Ribamar José de Oliveira Junior e Itamara Freires de Meneses, com o trabalho intitulado *“Pau-de-arara digital: estéticas da devoção entre romarias e reisados online na pandemia da Covid-19 em Juazeiro do Norte”*, discutem através da metodologia da etnografia de tela, as mudanças nas manifestações religiosas/culturais da cidade de Juazeiro do Norte-CE. Os autores exercem um esforço de compreender as transformações em curso de duas importantes manifestações religiosas e culturais de Juazeiro: as romarias ao Padre Cícero e Nossa Senhora das Dores e o Reisado dos Irmãos. Para tal feito os pesquisadores se debruçam em dois momentos digitais protagonizados pelos grupos supracitados: o “Encontro com os Romeiros” da Romaria de Finados de 2020 e o “Dia de Reis” do Reisado dos Irmãos em 2021. As manifestações que ocorriam outrora nas ruas, igrejas, pelos cantos da cidade, em meio a aglomerações, são realocadas para a tela. Os autores tratam, portanto, destas manifestações em seu formato digital.

Nesse sentido, o trabalho apresenta interessantes reflexões sobre as estratégias lançadas com o intuito de manter acesa a luz que acalenta tantos corações. Afinal de contas, trata-se de eventos de grande sentido simbólico para toda a teia que engendra essas manifestações. A estratégia utilizada pelos grupos citados refere-se ao uso das redes sociais como forma de assegurar a realização dos festejos. Das ruas para a tela, os autores compreendem que apesar dos muitos desafios encontrados na realização dos eventos virtuais, a prece do romeiro resiste ao tempo em que a dança do brincante encanta.

O cenário das romarias de Juazeiro do Norte-CE é abordado também no artigo: *Romarias e práticas devocionais ao Padre Cícero e à Mãe das Dores em tempos de pandemia* de autoria de Yslia Batista Alencar e Renata Marinho Paz. As autoras apresentam um breve histórico dos eventos que acontecem na cidade, tendo Padre Cícero e Nossa Senhora das Dores como protagonistas, numa tentativa de compreender como a Igreja e os devotos organizaram-se no contexto pandêmico e de isolamento social, e ainda a percepção sobre a covid-19 por parte desses atores. Os dados foram levantados por meio das plataformas digitais/virtuais utilizados como campo de pesquisa, grupos do Facebook, de WhatsApp e a TV Web Mãe das Dores, sobretudo para uma aproximação mais consolidada com os romeiros.

É importante ressaltar que algumas questões são levantadas para nortear a pesquisa, sendo respondidas a partir da coleta e análise de dados. Dentre elas, com o impedimento para realização das romarias, como a Igreja tem atuado para manter os vínculos dos devotos com Juazeiro do Norte, constatando-se a ressignificação das atividades religiosas, sendo em sua totalidade reproduzidas nas redes e mídias sociais, especialmente a programação definida para cada romaria. Outras questões são voltadas diretamente para os romeiros, sobre como eles têm se organizado para realizarem suas práticas religiosas, e ainda a sua visão sobre a pandemia e a covid-19. A abordagem metodológica se dá através dessa rede de contatos que são estabelecidos pelos grupos, sendo construídos diálogos entre as pesquisadoras e os devotos que contribuem com a pesquisa.

Dessa forma, o trabalho apresenta as narrativas de vários devotos, das mais diversas localizações geográficas, sobre como eles têm concebido as romarias nos ambientes virtuais, levando as práticas para suas residências, como têm conseguido fortalecer os vínculos com outros sujeitos romeiros e atores religiosos, acompanhando, sobretudo a programação preparada especialmente para esse fim. A programação inclui a transmissão das celebrações, programas de entrevistas e *lives* musicais. Por fim, o trabalho apresenta os depoimentos sobre as práticas devocionais realizadas em casa, através das preces, sobretudo com o objetivo de pedir proteção e livramento da doença, a cura dos que estão doentes e pelas almas dos que partiram.

O distanciamento social não foi imposto apenas às festas e práticas do catolicismo, as religiões de matriz africana foram também profundamente afetadas nesse cenário. Refletindo sobre a impossibilidade da realização de eventos na condição presencial, Mariana Andreotti Dias, no artigo “*Umbanda sem paredes’: estratégias para o exercício da religião na pandemia*”, pensa sobre as estratégias utilizadas pelo Terreiro de Umbanda do Pai Maneco, situado em Curitiba/PR. Nesse sentido, o TPM recorreu às tecnologias apropriando-se do universo virtual como maneira de aproximar os membros e simpatizantes do sagrado. Para tanto, o estudo demonstra a importância do papel social das religiões em meio ao contexto pandêmico, contribuindo na compreensão de um cenário que se apresenta de forma tão assustadora.

Ainda no contexto das religiões de matriz africana, Emília Guimarães Mota, no artigo “*Omolu quer todo mundo no Olubaje*”: o cotidiano de um terreiro goiano durante a pandemia, de

Emília Guimarães Mota, reflete sobre como os desdobramentos da pandemia impactaram o cotidiano do terreiro, uma vez que as práticas religiosas e os ritos são efetivados através de atividades que carecem do envolvimento das pessoas, sobretudo nas atividades diárias, nos ritos e celebrações, nas festas de santo e nas ações de assistência social que o terreiro desenvolve. Para compreender como essas atividades passam a ser realizadas, a autora debruça profundamente suas análises desde março de 2020 quando a OMS declarou que a covid-19 teria atingido o patamar de uma pandemia. As práticas no terreiro atravessam o contexto do isolamento social, uma vez que se entende que não existe uma relação de religiões de matriz africana sem contato com o outro.

Conforme a autora, o maior desafio foi ressignificar as práticas e o formato como elas aconteceriam, sendo que necessitam do contato direto com o outro, bem como práticas que eram imprescindíveis para a promoção da saúde e equilíbrio espiritual, mais acentuadas nesse cenário caótico. Diferente das outras religiões que imediatamente transferiram suas atividades para a *internet*, conseguindo chegar na casa dos praticantes, no caso do terreiro apenas chamadas de vídeos são realizadas com o objetivo de aproximar as pessoas. O artigo nos faz compreender como os terreiros passaram a reorganizar suas atividades nesse contexto, diminuindo a presença das pessoas, passando a incumbência para os que residiam naqueles espaços, dando continuidade as que já eram realizadas nas residências, como os banhos, etc. Por fim, apresenta os protocolos de biossegurança que são seguidos, a diminuição das pessoas nos ritos, bem como o tempo de realização dos mesmos. O *Olubajé* é o maior desafio por ser a festa com um maior tempo de realização e com o maior número de praticantes, tendo que ser diminuído esse tempo em quantidade de dias, a quantidade de pessoas, o tempo de permanência no terreiro e a reformulação das atividades. Assim, compreendemos a dinâmica do terreiro em tempos de pandemia.

Sobre as memórias, o ensaio fotográfico de Cicera Tayane Soares da Silva, “*No tempo que se podia festejar*” a cultura popular na Festa de Santo Antônio”, reúne registros (fotográficos e orais) sobre as manifestações da cultura popular na festa do santo casamenteiro. Através das vozes dos mestres, a autora mescla temas sensíveis ao cotidiano desses sujeitos que, a princípio, vivenciam dificuldades na manutenção de suas tradições. Diante da pandemia de covid-19, os desafios foram intensificados, fazendo com que as manifestações centenárias deixassem de ocorrer nos espaços corriqueiros – ruas e igrejas –. Diante da ausência da festividade, os grupos populares tiveram que ficar reclusos em suas casas,

sentindo o impacto também no quesito financeiro. A partir do momento em que não houve festa, também não teve os cachês que complementam a renda dos mestres. A fotografia foi a maneira utilizada para acionar as memórias coletivas sobre a festa e como a mesma foi refeita no silêncio das casas. Uma festa que é a mesma, sendo constantemente outras.

Adentrando, ainda, no universo da cultura popular, Dora Motta dos Santos nos convida a passear pela cantoria do grupo Carioca Céu na Terra. “*O ano em que a folia não saiu: o caso da cantoria do Céu na Terra no ciclo natalino 2020/2021*”, nos traz reflexões sobre as apropriações das tecnologias virtuais a fim de amenizar os impactos causados pelo distanciamento social. Tomando como *locus* a folia de reis, a autora aponta como uma manifestação, a cantoria, foi interrompida pela primeira vez em 20 anos de existência e como esta necessitou fazer uso das mídias virtuais para manter viva a tradição. A ideia de que “Não existe uma vida sem folia” nos leva a perceber que, apesar, dos desafios do contexto presente, as tradições se reinventam, construindo saídas para abrigar os rituais e celebrações.

Das festas ao santo casamenteiro, passando pelas folias de reis, chegando aos terreiros e às romarias de Juazeiro do Norte, as dimensões do sagrado/religioso e do profano/festas são aspectos que se cruzam nos trabalhos aqui apresentados, evidenciando, cada um à sua maneira, as especificidades de cada manifestação. Dessa forma, o dossiê cumpre com seu objetivo de apresentar reflexões baseadas nas problemáticas acerca das manifestações religiosas e populares no contexto da pandemia de covid-19, suas ressignificações e as estratégias utilizadas para redimensionar os ritos e, por sua vez, os rituais religiosos e as práticas devocionais e festivas que foram profundamente impactadas por esse contexto.

Por fim, agradecemos a todos os pesquisadores e todas as pesquisadoras que contribuíram com essa publicação e à toda a equipe da Revista Equatorial por proporcionar esse espaço como ambiente de debate acadêmico, possibilitando reflexões e discussões no sentido de se construir uma imaginação socioantropológica sobre as festas, ritos e rituais em tempos de pandemia.

## Referências

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ELIADE, Mírcea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2015.

MESLIN, Michel. *Fundamentos de antropologia religiosa: a experiência humana do divino*. Trad. Orlando dos Reis. Petrópolis – RJ: Vozes, 2014.